

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino

Cleuma Sueli Santos Suto

Dejeane de Oliveira Silva

José Andrade Almeida Junior

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Francielle Pereira Santos

Ludmila Nunes Mourão

Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Nívia Madja dos Santos

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE

Betânia Maria de Oliveira Amorim

Profª Drª vinculada a Unidade Acadêmica de Psicologia, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, betania_maria@yahoo.com.br

Luiza Maria Alfredo

Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, mariaalfredo98@gmail.com

Maria Renally Braga dos Santos

Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, mariarenally1@gmail.com

Teatro do oprimido. Buscamos demonstrar que as metodologias ativas se apresentam como ferramentas essenciais para o estabelecimento de um diálogo que promova a reflexão e o enfrentamento de questões relacionadas a sexualidade e que estas operam na desconstrução e reconstrução de saberes a respeito da referida temática.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade; metodologia ativa; adolescentes

INTRODUÇÃO

Para além das questões sociais, no período da adolescência evidenciam-se mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Para Lima (2007), frente a tantas modificações, é comum situar a adolescência como um período turbulento no qual se verificam crises, conflitos e desordens, uma vez que os jovens precisam adaptar-se ao novo corpo, integrar-se ao novo grupo, desfrutar de vivências até então desconhecidas e assim reconstruir sua identidade. Esta compreensão evidencia um dos inúmeros recortes, definições e enquadramentos a que está submetida à adolescência e a diversidade de olhares que acabam por definir posições, políticas e prioridades em seus fazeres. Portanto, a adolescência não é simplesmente uma questão

RESUMO: São evidentes as dificuldades que se impõem para discussão acerca da sexualidade em diversos espaços sociais, a exemplo da escola. Sendo assim, nos parece pertinente oportunizar espaços de discussão e reflexão para que os estudantes em geral e, em especial, os adolescentes, possam expor suas angústias e conflitos no tocante a sexualidade. Nesse sentido, realizamos uma ação extensionista denominada “Diálogos sobre a sexualidade com os adolescentes” da qual participaram aproximadamente 62 estudantes, do ensino fundamental II de uma escola da rede pública de ensino, localizada na cidade de Campina Grande - PB. Neste artigo, apresentamos um relato de experiência acerca de duas oficinas nas quais utilizamos a metodologia ativa do

etária ou um período da vida. Corroborando com esta perspectiva, entendemos que a adolescência pode ser considerada como uma invenção social ou como um fenômeno moderno e cultural, que merece a atenção de pesquisadores de diversas áreas.

A adolescência se apresenta atravessada por conflitos, tensões e questionamentos em relação a vários aspectos, entre os quais a sexualidade. Sabemos que as discussões sobre a temática da sexualidade e os sentimentos que ela desperta sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade. Desse modo, diversas instituições de saber tomaram para si a responsabilidade de orientar os sujeitos acerca de sua vida em sociedade e em particular naquilo que se refere à sexualidade. Entre estas, destaca-se a instituição escolar.

O tema da sexualidade está na “ordem do dia” da escola. Presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula [...]; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas (ALTMANN, 2001, p. 575).

Embora reconheçamos que a sexualidade faz parte do cotidiano da escola, é curioso perceber que abordá-la neste espaço institucional nunca se revelou uma tarefa fácil. Desde os primórdios, a sexualidade apresenta-se como uma temática eivada de mitos, crenças, estereótipos, preconceitos, valores familiares, questões morais e religiosas, por esta razão, silenciada ou escamoteada no ambiente escolar.

Decerto, diversos fatores contribuíram para nos depararmos, como nos diz Leão e Ribeiro (2009), com três situações contraditórias que demonstram a total ausência de clareza e objetividade quando se trata da discussão da sexualidade na escola. A primeira é que, apesar da demanda e da recomendação de vários autores, a escola persiste em negar que lhe compete a orientação sexual dos alunos. A segunda é aquela em que as escolas explicam sua omissão justificando que a orientação sexual cabe à família. A terceira situação é aquela em que a sexualidade se manifesta de forma intensa e incomoda professores e direção. Ao deparar-se com esta problemática, a escola busca resolver aquilo que denomina “problema” com palestras isoladas dadas por profissionais de saúde. Como assinala Furlani (2009), para muitos educadores, a opção em não discutir as sexualidades e os gêneros pode ser apoiada pela “providencial” inexistência da temática nos currículos escolares.

Infelizmente, a escola ainda mostra-se refratária ao enfrentamento da discussão sobre a sexualidade e aos diversos fatores a esta relacionada, por várias razões, entre as quais, destaca-se a formação dos professores. As pesquisas de um modo geral, a exemplo daquelas desenvolvidas por Gomes (2010) e Amorim (2012), identificaram que alguns professores adotam uma posição de negação da sexualidade, devido à inabilidade em abordar o assunto, quer seja por desconhecimento, por medo, por convicção ou ideologia. Em suma, os docentes sentem-se despreparados para falar abertamente sobre esta temática.

A discussão da sexualidade no âmbito escolar é de fundamental importância, por ser a escola uma instituição diretamente envolvida no processo de desenvolvimento e formação do indivíduo, o que a faz intervir, deliberadamente ou não, na educação sexual dos alunos. Por esta razão, é imprescindível que os adolescentes tenham acesso a temática da sexualidade nas instituições de ensino ao longo do seu processo de desenvolvimento. Pressupomos que

a presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir (LOURO, 1997, p. 81).

Todavia, partimos do princípio que a escola aborda a sexualidade de maneira superficial e improvisada. Os professores mal conseguem discutir sobre assuntos tais como: gravidez, virgindade, aborto, masturbação e outros. Quando não é possível escamotear as indagações dos alunos sobre essas manifestações da sexualidade, os docentes enfatizam os aspectos anatômicos e fisiológicos dos aparelhos reprodutores masculinos e femininos ou adotam a postura de conselheiros, tentando normatizar e/ou moralizar o comportamento dos alunos.

Vale ressaltar que esta postura pedagógica não se realiza com tranquilidade. Ao contrário, é incômoda e difícil. Os professores ora não se sentem preparados, ora não se sentem a vontade para expor seus conhecimentos, concepções, convicções e valores sobre a sexualidade, o que determina a veiculação de informações pseudocientíficas, impregnadas de moralismos e preconceitos a respeito desse tema. Tal estado de coisas nos leva a crer que, embora a sexualidade seja uma questão demasiadamente presente no universo escolar, os professores estão despreparados para uma ação efetiva e uma compreensão das suas especificidades.

Devido as informações deturpadas e/ou desconhecimento no que tange a sexualidade, muitos adolescentes reproduzem conceitos distorcidos e/ou equivocados. Além disso, devido a falta de esclarecimento, a questão da sexualidade ainda é encarada como um tabu. Sendo assim, consideramos pertinente oportunizar aos adolescentes um espaço para reflexões e questionamentos sobre a importância da prevenção, mudanças corporais, identidade, posturas, relações interpessoais, auto-estima, relações de gênero, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. Na nossa compreensão,

é também no espaço escolar que nos confrontamos com práticas de reprodução das normas hegemônicas que tomam a heterossexualidade como modelo único. E, nesse sentido, a escola se retrai e ignora a diversidade para silenciar, como se não existissem implicações em determinados silêncios. Gêneros e sexualidades são construções sociais cujos arranjos permeiam toda a sociedade, inclusive dentro da comunidade escolar. Dessa forma, é necessário que a escola se constitua como o lugar capaz de discutir amplamente essas e demais questões (ARAÚJO et al,

Desse modo, desenvolvemos em uma escola estadual da cidade de Campina Grande – PB, a ação extensionista *Diálogos sobre a sexualidade com os adolescentes*. Por intermédio desta, buscamos proporcionar um ambiente para que os adolescentes pudessem falar e/ou representar suas angústias, conflitos e medos, obter informações sobre a sexualidade e as questões de gênero, discutir valores, crenças e preconceitos, entre outros. Por esta via, nos foi possível compartilhar do universo dos adolescentes e desvelar pouco a pouco seus interesses, conflitos, insatisfações e anseios, assim como, identificar suas representações e dificuldades no que concerne a abordagem da sexualidade. Assim, intervimos no contexto psicossocial, ampliando aspectos cognitivos, emocionais e sociais dos participantes. Para nós, este modo de proceder suscitou importantes elementos para a reflexão dos adolescentes, descortinando novos horizontes, possivelmente encobertos pelas dificuldades próprias a natureza da problemática da sexualidade e gênero na adolescência, comumente escamoteada no ambiente escolar.

Construímos junto com o grupo um espaço de construção de conhecimento e de desenvolvimento do espírito crítico, nos termos propostos pela perspectiva freireana. Para Paulo Freire (1979, p. 28), o conhecimento,

[...] não é um ato, através do qual, um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que o outro lhe oferece ou lhe impõe. O conhecimento exige uma posição curiosa do sujeito frente ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Exige uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o mesmo ato de conhecer pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se, assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que seu ato está submetido. Conhecer é tarefa de sujeitos e não de objetos. E é, como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer.

Nesta perspectiva, o que se destaca é o sujeito prático: a ação de problematizar acontece a partir da realidade que cerca o sujeito; a busca de explicação e solução visa a transformar aquela realidade, pela ação do próprio sujeito (sua práxis). O sujeito, por sua vez, também se transforma na ação de problematizar e passa a detectar novos problemas na sua realidade e assim sucessivamente. Desse modo, os temas que foram problematizados nos encontros expressaram a realidade vivenciada pelos adolescentes, pois entendemos que,

procurar o tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis. Na medida em os homens tomam uma atitude ativa na exploração de suas temáticas, nessa medida sua consciência crítica da realidade se aprofunda e anuncia estas temáticas da realidade. (FREIRE:1980, p.32).

Nas palavras de Freire (1985), não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Nesta linha de raciocínio, utilizamos os princípios das metodologias ativas, cujo foco reside em trabalhar os problemas/tensões, refletindo sobre estes, para criar possíveis soluções. Estas metodologias estão fundamentadas na proposta freireana que prioriza a ação humana com base na comunicação dialógica sendo esta comunicação horizontal, onde os sujeitos sociais compartilham experiências na transformação e autotransformação.

As metodologias ativas de acordo com Bastos (2006, p.10) são definidas como um “processo interativo de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema”. Estas consideram a relevância da dimensão social e política entendendo que o espaço escolar, assim como outros cenários de prática, são espaços para se identificar e problematizar as contradições sociais e a realidade, interconectando o saber e o fazer a partir destas percepções sociais vividas, que conseqüentemente superam a dicotomia entre o saber intelectual e o saber do senso comum.

A utilização dessas metodologias, segundo Berbel (2011) podem vir a propiciar uma motivação autônoma, quando integrar a percepção do aluno para a origem de uma própria ação, ao serem exibidas oportunidades de problematização de situações envolvidas no contexto escolar, de escolha de aspectos de conteúdos de estudos, de caminhos possíveis para o desenvolvimento de estudo, entre outras possibilidades. Nesta linha de raciocínio, poder-se-ia dizer que as metodologias ativas se apresentam como ferramentas essenciais para o estabelecimento de um diálogo que promova a reflexão e o enfrentamento de questões negligenciadas no espaço escolar, a exemplo da sexualidade. Nessa perspectiva apresentamos um relato de experiência que demonstra a importância da utilização das metodologias ativas na desconstrução e reconstrução de saberes a respeito da referida temática.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, caracterizado como relato de experiência, realizado com aproximadamente 62 estudantes do 9º ano B (ensino fundamental II) de uma escola pública, situada na cidade de Campina Grande – PB.

Utilizamos os registros realizados no diário de campo, que "nada mais é que um caderninho de notas, em que o investigador, dia a dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista" (Minayo, 2014, p. 95). Além deste, recorreremos às produções realizadas pelos adolescentes a partir das metodologias utilizada, a saber, o Teatro do oprimido.

O Teatro do oprimido é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. Os seus principais objetivos são: a democratização dos meios de produção teatral, fornecer as reflexões das relações de poder, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a

transformação da realidade através do diálogo.

A leitura dos dados foi realizada com o auxílio da análise de conteúdo. Este método consiste em adotar procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das respostas, visando obter indicadores que permitam inferir conhecimento acerca da produção dessas informações. A análise de conteúdo pode ser aplicada nos dados que se apresentam como texto e possui três etapas para o processo: a etapa do recorte dos conteúdos, a definição de categorias analíticas e a categorização final em unidades de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme mencionamos, nossa metodologia de trabalho ancora-se na compreensão que o diálogo se configura como um elemento pedagógico e epistemológico essencial. Nesta perspectiva, realizamos ações que extrapolaram as atividades voltadas para a prevenção de doenças, agravos e riscos. Transformamos estas atividades em práticas problematizadoras, ao fomentar formas de participação social que promoveram o crescimento crítico dos adolescentes e os auxiliaram na elaboração de estratégias para a resolução de problemas identificados por eles próprios. Vale ressaltar que as atividades foram estabelecidas por meio do diálogo e trocas de experiências, estimulando os sujeitos envolvidos no desenvolvimento de sua autonomia para criticar, decidir e avaliar.

Nesse sentido, visando a construção de saberes a respeito das temáticas, destacamos a utilização da metodologia ativa do Teatro Imagem, que utiliza a linguagem não verbal como forma de comunicação. Como propõe Boal (2005), a partir da leitura da linguagem corporal, busca-se a compreensão dos fatos representados na imagem, sendo esta, uma realidade existente e/ou vivenciada. Assim, os discentes foram levados a pensar com imagens sobre a gravidez, sem fazer uso da palavra, usando apenas seus próprios corpos e objetos.

De acordo com a interpretação, a cena representava um casal de namorados adolescentes, em que a menina grávida estava em discussão com o namorado, pois este queria que ela efetivasse um aborto. Dois personagens representavam os pais da garota, sendo que a mãe mostrava-se feliz porque seria avó, enquanto o pai estava pressionando para que o rapaz casasse com sua filha grávida. A outra personagem, dramatizada por uma das mediadoras, seria, segundo os alunos, a assistente social em busca de cadastrar a mãe da criança para o recebimento do 'Bolsa Família'.

Nesta encenação vislumbramos que a gravidez não planejada é um evento perturbador que mobiliza o envolvimento de várias pessoas da família as quais apresentam posturas diferentes frente a esta problemática. Com relação a adolescente parece haver certa resignação e aceitação uma vez que esta não concorda em levar o aborto a seu termo. Em contrapartida, a reação do parceiro não demonstra uma boa aceitação na medida em que, por meio do aborto, busca eximir-se das atribuições

da paternidade. A gravidez na adolescência indiscutivelmente mobiliza a família. Conforme apontam alguns estudos, embora seja um acontecimento inesperado, as mães das adolescentes reagem positivamente a iminência de serem avós, o que não se verifica no caso do pai, cuja preocupação recai sobre o aspecto social da questão: ter uma filha mãe solteira.

Esta representação gerou várias discussões e problematizações. De acordo com os participantes há uma diferença social nas implicações da gravidez na adolescência. Uma adolescente de classe socioeconômica menos privilegiada (que precisa recorrer ao Programa Bolsa família) ao engravidar, se depara com várias dificuldades entre as quais, largar os estudos, alterar a rotina de prazeres e diversão e alterações no seu projeto de vida futura. Ademais, também citaram que é bem comum os parceiros abandonarem as adolescentes devido à gravidez, pois, não se sentem suficientemente maduros para assumir os compromissos da paternidade, ficando para a mulher tomar para si todas as responsabilidades, tendo ainda que haver-se com o estigma de mãe solteira. Depreende-se, portanto, a partir da encenação dos “adolescentes grávidos” uma pertinente discussão acerca das diferenças sociais impostas aos papéis masculino e feminino. Como assinalam Louro; Felipe e Goellner (2010), a sociedade hierarquiza o masculino e o feminino e lhes atribui destinos sociais diferentes e perspectivas de vida desiguais.

[...] toda e qualquer diferença é sempre atribuída no interior de uma dada cultura; que determinadas características podem ser valorizadas como distintivas e fundamentais numa determinada sociedade; e ainda, que a nomeação da diferença é, ao mesmo tempo e sempre, a demarcação de uma fronteira. (LOURO, 2012, p. 46).

Por esta razão, é fundamental que os adolescentes possam refletir sobre a influência da construção dos papéis de gênero na determinação dos comportamentos dos homens e mulheres, visto que, socialmente, há um maior controle sobre o comportamento sexual feminino em comparação ao masculino. Reiteramos que “a problematização pode ajudar na ampliação do olhar sobre outras dimensões da realidade, já que não parte de problemas previamente dados, mas sim da própria ação-reflexão-ação dos educandos” (JEZINE; RIBEIRO; SIMON; VASCONCELOS, 2014).

Como podemos observar, por meio do Teatro Imagem foi possibilitado um aprofundamento de questões ligadas à realidade, a construção do conhecimento pelos próprios adolescentes, o que veio a ser um convite para conhecerem a si mesmos, os outros e o mundo, contribuindo para a formação de indivíduos com uma visão mais crítica da própria realidade, capacitando-os dessa forma, para transformá-la positivamente, como propõe Berbel (2011). Segundo esta autora, as metodologias ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, empregando experiências reais ou simuladas, objetivando às condições de solucionar desafios

derivados das atividades essenciais da prática social em diferentes contextos.

Além do Teatro Imagem utilizamos com a turma do 9º ano a metodologia ativa do Teatro Fórum. No desenvolvimento desta técnica, apresenta-se um problema social em cena, um modelo de vida não desejado, ou seja, um anti-modelo o qual é oprimido pelo opressor sendo impedido de realizar um desejo em função das pressões de ordem individual e/ou social. Trata-se de um jogo de conflitos. Em outras palavras,

é preciso que os diferentes quererem dos diferentes personagens entrem em choque, caracterizando o conflito dramático. Esse conflito não se resolve nem se dissolve em cena, ele, na verdade, se acirra. A peça termina - sempre inacabada - geralmente quando o protagonista, após algumas tentativas, praticamente desiste de lutar pelo que deseja. (NUNES, 2004, p. 58).

Nessa perspectiva os adolescentes encenaram a peça *Diálogo com a família*. Os atores escolheram para composição da família além dos pais, três filhos: um deles com o comportamento expresso no modelo heteronormativo (o homem ganhão), uma filha com o estereótipo de “puta” e o terceiro filho nos foi apresentado como homossexual. No enredo se demonstrou que os pais adotavam atitudes diferentes em relação a estes. Assim, apoiavam, incentivavam e davam liberdade ao filho ganhão. Contudo, com relação à menina (puta) e ao filho homossexual havia um tratamento diferenciado no qual foi evidenciado a rejeição, a repressão e a expressão de preconceitos, discriminação, hostilidade, violência física e psicológica.

Nessa encenação apreendeu-se uma forte crítica dos adolescentes ao modelo tradicional de família demonstrando-se as dificuldades que se impõem quando alguns membros não atendam as normas e padrões socialmente instituídos. No que se refere a orientação sexual, sabemos que os homossexuais, em geral, são vítimas de violência física e moral e comumente não são aceitos no seio familiar. Estudos como aqueles realizados por Balsam e Mohr (2007), Detrie e Lease (2007), Rosario, Schrimshaw e Hunter (2011) apontam que comumente, os familiares exteriorizam agressões, ameaças e outros muitos tipos de violências que evidenciam a intolerância, frustração e medo por se depararem com a existência de um(a) filho(a) homossexual.

Além das reflexões e discussões sobre as diversas formas de manifestação da sexualidade os adolescentes também reproduziram e ponderaram, a partir de suas vivências, os entraves que impossibilitam e/ou dificultam o diálogo com os pais quando o tema é a sexualidade. No que tange a este aspecto, sabemos que o papel da família é primordial, pois esta “é responsável pela base em que a construção da sexualidade de cada um se apoia, seja ela participante ou omissa, liberal ou repressora, e daí, resultam práticas sexuais mais ou menos sadias ou patológicas causadoras de alegria ou angústia”. (GIMENES, 2002, p. 39).

No decorrer dos encontros verificamos que o uso das metodologias ativas, a exemplo do Teatro do Oprimido, permitiu que os adolescentes pudessem ocupar o lugar de protagonistas do processo por meio de uma metáfora teatral, como

propõe Boal (2005). Desse modo, questionaram o modelo tradicional de família, os preconceitos e valores relacionados à orientação e diversidade sexual e os papéis de gênero historicamente atribuídos aos homens e mulheres. Em outras palavras, os adolescentes além de questionar, buscaram formas de enfrentamento as adversidades percebidas/vivenciadas no terreno da sexualidade apesar do receio de contradizer as crenças familiares, sendo inclusive citado no grupo o mandamento bíblico “honrarás teu pai e tua mãe”. Nesse sentido, realçamos a importância da utilização das metodologias ativas, pois pela via do Teatro do Oprimido é possível “ajudar o espectador a se transformar em protagonista da ação dramática, para que, em seguida, utilize em sua vida as ações que ensaiou na cena”. (DESGRANGES, 2006, p. 70).

A partir do exposto, nos foi possível entrever os diversos conflitos e angústias que perpassam a vivência da sexualidade dos adolescentes e problematizar a importância histórico-cultural da sexualidade e das relações de gênero, assim como, o papel destas relações para o desenvolvimento sócio-cultural. Desse modo, acreditamos que descortinamos algumas possibilidades de empoderamento¹ destes atores sociais, o que vem sinalizar o alcance dos objetivos propostos na nossa ação extensionista.

Considerando a complexidade que entremeia a abordagem da sexualidade na escola e frente à vulnerabilidade, a que estão expostos os adolescentes, sobretudo no que diz respeito a não adoção das práticas seguras relacionadas à sexualidade e o (des)respeito a diversidade sexual, reiteramos a necessidade de priorizar ações programáticas voltadas para esse segmento populacional e desenvolver estratégias de educação que possibilitem vincular a informação à reflexão, a exemplo daquelas pautadas nas metodologias ativas que desenvolvemos, permitindo a estes atores sociais a exposição de suas ideias, sentimentos e experiências, a fim de que possam exercer uma visão crítica e uma práxis transformadora, com possibilidades de mudança de atitude, concepção, valores, crenças e estereótipos naquilo que se refere a sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é um período de grandes transformações e a escola, juntamente com a família, surge como uma das instituições que interferem diretamente neste processo. Sabemos que Paulo Freire, a partir do conceito de educação bancária, questionou severamente o modelo de educação tradicional, pautado na transferência

¹ É uma tradução da formulação de origem inglesa *empower*. De acordo com (Gohn, 2004), podemos identificar dois sentidos atribuídos ao empoderamento, comumente empregados no Brasil: um se refere ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia; e o outro se refere a ações destinadas a promover a integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos etc. em sistemas geralmente precários, que não contribuem para organizá-los, pois os atendem individualmente através de projetos e ações de cunho assistencial. Nosso posicionamento se alinha ao primeiro sentido utilizado para caracterizar o empoderamento.

de conteúdos por parte dos professores aos alunos, desconsiderando o contexto social e cultural dos alunos. Para este autor, o conhecimento

[...] não é um ato, através do qual, um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que o outro lhe oferece ou lhe impõe. O conhecimento exige uma posição curiosa do sujeito frente ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Exige uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o mesmo ato de conhecer pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se, assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que seu ato está submetido. Conhecer é tarefa de sujeitos e não de objetos. E é, como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (1979, p. 28)

Na obra *a Pedagogia do oprimido* (1987), Freire pressupõe que por meio de uma metodologia dialógica é possível promover uma educação popular para a conscientização política do povo, emancipação social, cultural e política das classes sociais excluídas e oprimidas. Nestes termos, considerando que a educação é uma prática para a liberdade, reconhecemos a necessidade da utilização de metodologias que promovam a autonomia, a empatia e o respeito no ambiente escolar. Estes aspectos são essenciais para a formação do educando, de maneira geral, e, fundamentais quando se trata de abordar a sexualidade no espaço escolar. Como aponta Pereira (2003), a prática educativa embasada na educação popular é a que mais se ajusta a ações educativas populares, pois prepara os sujeitos para ações transformadoras de si e de sua realidade, fazendo com que o indivíduo e as coletividades tomem consciência de si e desenvolvam uma postura mais participativa e de responsabilidade sobre vários aspectos, entre os quais, a sexualidade.

Como podemos observar, na família e na escola é possível verificar a reprodução de normas hegemônicas que reforçam, por exemplo, a heterossexualidade assentada em um modelo tradicional. Conforme nos diz Miskolci (2012), ambas as instituições, empregam tecnologias de normalização.

No caso específico da escola reiteramos que esta instituição, no tocante a abordagem da sexualidade não dispõe de condições para cumprir o seu papel enquanto instância formadora, visto que, os professores não estão capacitados para esta tarefa. Desse modo, não há como nos furtarmos a encarar a problemática da formação do professor. Este é um dos elementos essenciais para que possamos ter assegurada uma intervenção adequada no manejo da abordagem da sexualidade na escola.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

AMORIM, Betânia Maria Oliveira. Sexualidade e mídia na formação docente. 2012. Tese (Doutorado

em Sociologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2012.

ARAÚJO, Denise Bastos; CRUZ, Izaura Santiago e DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. **Gênero e sexualidade na escola**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

BALSAM, Kimberly F e MOHR, Jonathan. J. (2007). Adaptation to sexual orientation stigma: A comparison of bisexual and lesbian/gay adults. **Journal of Counseling Psychology**, 54(3), 306-319. doi: [http:// dx.doi.org/10.1037/0022-0167.54.3.306](http://dx.doi.org/10.1037/0022-0167.54.3.306)

BASTOS, Celso da Cunha. **Metodologias Ativas**. 2006. Disponível em: <http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>, Acesso em: 04 maio 2018.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v.32, n.1, p. 25-40. 2011.

CERQUEIRA SANTOS, Elder; NETO, Othon Cardoso de Melo; KOLLER, Sílvia H. Adolescentes e adolescências. In.: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). **Trabalhando com os adolescentes** – teoria e intervenção psicológica. Porto Alegre: Artmed, 2014.

COZBY, Paul C. Observação do comportamento. Métodos de pesquisa em ciências do comportamento / Paul C. Cozby; tradução Paula Inez Cunha Gomide, Emma Otta; São Paulo: Atlas, 2003. p. 123-138.

DESGRANGES, Flávio. Pedagogia do Teatro: **Provocação e dialogismo**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2006.

Detrie, Pamela M e LEASE, Suzanne. H. (2007). The relation of social support, connectedness, and collective self-esteem to the psychological well-being of lesbian, gay, and bisexual youth. **Journal of Homosexuality**, 53(4), 173-199.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. P.133-165.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação.3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Extensão ou comunicação**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

FURLANI, Jimena. Encarar o desafio da Educação Sexual na escola. In: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, p. 37-48, 2009.

GIMENES, Valéria Cristina e RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Notas de um estudo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas concepções e vivências sexuais. **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. Araraquara: FCL/ Laboratório editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000, p. 39-67.

GOMES. Lúcia Rejane Silva. **Sexualidade e orientação sexual na formação de professores**: uma análise da política educacional. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

JEZINE, Edineide, RIBEIRO, Kátia Sueli, SIMON, Eduardo, VASCONCELOS, Eimar Mourão. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem e educação popular**: encontros e desencontros no contexto da formação dos profissionais de saúde. Interface: Botucatu, 2014.

LEÃO, Andreza Marques de Castro; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A presença/ausência das temáticas sexualidade e gênero em um curso de pedagogia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, Educação, Saúde, Movimentos Sociais, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2009.

LIMA, Junia Dias. O despertar da sexualidade na adolescência. In: PEREIRA, José Leonídio. et al. (Org.). **Sexualidade na adolescência no novo milênio**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Garcia Lopes, FELIPE, Jane e ; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

NUNES, Sílvia Balesteri. Boal e Bene: contaminações para um teatro menor. **Tese de doutorado**. Doutorado em Psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo: 2004.

PEREIRA, Potiara. **Necessidades humanas: subsídios à crítica dos mínimos sociais**. São Paulo: Cortez, 2003.

ROSARIO, Margaret, SCHRIMSHAW, Eric W e Hunter, Joyce. (2011). Different patterns of sexual identity development over time: Implications for the psychological adjustment of lesbian, gay, and bisexual youths. **Journal of Sex Research**, 48(1), 3-15. doi: 10.1080/00224490903331067

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

